

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**SAMARA MACHADO DE OLIVEIRA**

**O PAPEL DA AUTONOMIA DO APRENDIZ NO  
CONTEXTO DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE UMA  
LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**São Cristóvão  
2021**

**SAMARA MACHADO DE OLIVEIRA**

**O PAPEL DA AUTONOMIA DO APRENDIZ NO CONTEXTO DO  
ENSINO-APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA  
ESTRANGEIRA EMERGENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II),  
apresentado ao curso de Letras Português-Inglês da  
Universidade Federal de Sergipe (UFS), como  
parte dos requisitos para obtenção do título de  
Licenciada em Letras Português-Inglês.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Elaine Maria Santos**

**São Cristóvão  
2021**

## **O PAPEL DA AUTONOMIA DO APRENDIZ NO CONTEXTO DO ENSINO- APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Samara Machado de Oliveira  
Orientadora: Profa. Dra. Elaine Maria  
Santos

**Resumo:** Este artigo tem como propósito averiguar as percepções de docentes em formação acerca do papel da autonomia no processo de aquisição de uma língua estrangeira, especificamente no contexto da graduação em Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Para tal análise, um questionário foi distribuído a uma turma de universitários do oitavo período do curso supracitado, considerando o conhecimento teórico adquirido, bem como o senso crítico desenvolvido ao longo da jornada acadêmica. Nesse sentido, a partir de uma pesquisa qualitativa, buscou-se verificar o entendimento dos participantes sobre o conceito de autonomia e de que forma esta perspectiva se fez presente em seu aprendizado individual dentro da universidade, bem como fora da educação formal. Assim, foi possível perceber que, apesar do amplo reconhecimento do papel da autonomia para o sucesso na graduação, muitos basearam suas respostas no conceito que traziam de autonomia, antes da graduação, e outros confundiam esse termo com o autodidatismo.

**Palavras-chave:** Autonomia; Língua Estrangeira; Ensino-Aprendizagem de Línguas; Docentes em Formação; Língua Inglesa.

**Abstract:** This paper aims to investigate teachers-in-training' perceptions about the role of autonomy in the process of the acquisition of a foreign language, specifically in the context of the degree course in Letters Portuguese-English in the Federal University of Sergipe. Therefore, to do this analysis, a questionnaire was distributed to a class of the eighth semester of the course, considering the theoretical knowledge learned, as well as the critical sense developed throughout the academic journey. In this regard, through a qualitative approach, we sought to verify the student's beliefs about the concept of autonomy and how this perspective influenced their individual learning, not only in the university, but also outside of the formal education environment. Thus, it was possible to see that, despite the broad recognition of the role of autonomy for success at graduation, many based their answers on the concept they had brought about autonomy, before graduation, and others confused this term with self-taught.

**Key-words:** Autonomy; Foreign Language; Language Teaching and Learning; Teacher Training; English Language.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como propósito levantar reflexões acerca do ensino-aprendizagem baseado na autonomia do aprendiz, ao mesmo tempo em que busca identificar e compreender, junto ao público-alvo, as suas crenças e experiências relacionadas a essa temática, tanto dentro do ambiente universitário, como também fora dele. Seguindo esse contexto, busca-se verificar com os participantes deste estudo, as suas considerações no que diz respeito à utilização de uma metodologia embasada na autonomia durante as aulas do curso de Letras na Universidade Federal de Sergipe e, em caso positivo, de que maneira esta perspectiva influenciou sua aquisição da língua alvo e sua formação enquanto futuro professor.

Para fazer esta análise, o presente estudo se ampara nos conceitos da pesquisa quantitativa e qualitativa, de modo a obter resultados objetivos, em número, assim como respostas subjetivas, que proporcionam ao participante a expressão detalhada do seu ponto de vista acerca do tema abordado. Reforçando os benefícios da combinação das duas abordagens supracitadas, Minayo e Sanches (1993, p. 247) defendem que:

se a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais ‘ecológicos’ e ‘concretos’ e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.

A conciliação das abordagens supracitadas contribui para a obtenção de resultados que podem ser quantificados e convertidos em porcentagem, enquanto, paralelamente, possibilita averiguar profundamente a perspectiva de cada estudante sobre a temática apresentada, colaborando, então, para que a análise seja o mais fiel possível à realidade. Nesse sentido, consideram-se os contextos individuais dos participantes e, a partir dessa leitura, consegue-se identificar de que maneira a vivência de cada um influenciou o seu ponto de vista acerca da aprendizagem baseada na autonomia do aprendiz.

À vista disso, foi elaborado um questionário composto por catorze perguntas objetivas e subjetivas, as quais buscam investigar o contexto da relação de cada participante com a

língua alvo e, dessa forma, analisar a percepção dos futuros docentes acerca da autonomia no contexto do ensino-aprendizagem de um idioma no decorrer da graduação em Letras Português-Inglês, dentro da Universidade Federal de Sergipe, tal como fora dela. Nesse sentido, foram convidados a participar desta pesquisa toda a turma da disciplina de Estágio Supervisionado de Inglês II, do oitavo período do referido curso (cerca de 50 alunos), levando em consideração que, nesta etapa da formação acadêmica, infere-se que esses estudantes já possuem um repertório sólido de conhecimentos e uma consciência crítica acerca das diferentes metodologias de ensino as quais tiveram acesso durante o curso.

Em adição, tem-se em mente que a prática de uma estratégia voltada à autonomia do estudante está intimamente ligada à figura do educador. Isto porque, a partir do momento em que o professor estimula a autonomia de seus aprendizes, estes futuros docentes passam a ter a vivência e o conhecimento necessários para, eventualmente, aplicarem os mesmos ensinamentos em suas salas de aula. É importante destacar que, conforme enfatizado por Benson (2007), a autonomia não está exclusivamente associada à aprendizagem do aluno, mas também está relacionada ao papel de facilitador que o educador precisa estar disposto a ocupar para que os estudantes se tornem aprendizes independentes.

### **A Autonomia e o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira**

A autonomia pode ser brevemente definida como a capacidade de um indivíduo de controlar a sua aprendizagem, segundo a teoria de Holec (1981). Nesse sentido, o aluno detém a responsabilidade, não somente de gerenciar os conteúdos referentes à língua alvo, como também a maneira com a qual ele aprenderá estes assuntos. Assim sendo, dentro desse processo, a consciência do aprendiz em relação à aquisição da língua é estimulada, gerando uma reflexão sobre os motivos pelos quais ele deseja aprender e, a partir disso, quais metas serão estipuladas, a fim de mensurar os resultados alcançados ao longo da aprendizagem.

Por outro lado, faz-se apropriado pontuar que a autonomia pode ser considerada também “a capacidade de reflexão crítica, tomadas de decisões e atitudes independentes”, seguindo a perspectiva de Little (1991). Nesse contexto, é evidenciado o protagonismo do estudante em seu processo de aquisição da língua inglesa por meio do controle e

planejamento dos conteúdos, levando em conta seus objetivos pessoais, sua proficiência e o estilo de ensino que melhor se adequa a sua personalidade. Em adição, o autor ressalta a influência que os aspectos psicológicos exercem no processo de ensino-aprendizagem baseado na autonomia do aluno, na maneira como ele organiza e gerencia tal processo. Segundo Ceylan (2015),

promover a autonomia do aluno pode ser definido em termos simples, como auxiliar os aprendizes a se tornarem mais independentes, treinando-os para usar estratégias de aprendizagem efetivamente em seu processo de aquisição de línguas, de modo a assumir a responsabilidade de controlar, avaliar e monitorar o seu processo de aprendizagem.

A autonomia seria, dessa forma, uma aliada no que diz respeito a estimular a independência do indivíduo, uma vez que é por meio dela que eles são condicionados a praticar o controle sobre o processo da aprendizagem. Desse modo, os educandos são levados a pensar criticamente sobre a aquisição da língua estrangeira (LE), levantando pontos, como, por exemplo, o que querem e de que maneira desejam aprender, além do propósito por trás da aprendizagem da língua inglesa.

Levando em consideração os estudos de Benson (2007), tem-se que há níveis de autonomia os quais dependem de diferentes fatores, como, por exemplo, a idade dos aprendizes, sua proficiência na língua, a consciência deste em relação às necessidades de sua aprendizagem e seus progressos. Dessa forma, o aluno trabalhará a autonomia de acordo com os seus objetivos, buscando outras estratégias de aprendizagem que privilegiem o seu estilo de estudo. Este achado é condescendente à perspectiva de Dang (2012), que caracteriza o processo da autonomia em três fases: *initiating*, *monitoring* e *evaluating*, nas quais, em cada circunstância, o aluno é o agente ativo que molda o percurso da aprendizagem.

A primeira fase, denominada *initiating*, diz respeito às suas preferências pessoais de aprendizagem, isto é, suas metas, dificuldades e as estratégias de ensino que melhor se adequam ao seu objetivo e perfil. *Monitoring*, por sua vez, relaciona-se ao meio do processo, que pode ocorrer tanto no ambiente escolar, como também fora dele. Nesse nível, o educando, ao se tornar consciente de sua aprendizagem, pode ter um certo amadurecimento no sentido de buscar novas metodologias e explorá-las, eventualmente selecionando aquelas

que potencializarão seu aprendizado, além da escolha dos conteúdos a serem estudados. Por fim, a etapa *evaluating* está ligada ao progresso do aluno em sua aprendizagem. Neste estágio, o aluno faz uma autoavaliação reflexiva, comparando suas habilidades no início do processo e no momento atual, desenhando a evolução alcançada por ele. Desta forma, há o reconhecimento das habilidades adquiridas e aprimoradas, bem como os pontos que devem ser trabalhados com mais afinco, para obtenção de melhores resultados futuramente.

Um ensino baseado na autonomia pode vir a promover a participação ativa e consciente do aluno em seu processo de aprendizagem e, conseqüentemente, contribui para que o senso de responsabilidade do indivíduo seja incitado. Por essa perspectiva, o educando é considerado não somente um aprendiz, mas, também, um agente, que pode vir a incentivar a autonomia dos seus colegas, auxiliando-os no processo da aquisição da língua inglesa. Sob este pensamento, e levando em conta as fases elaboradas por Dang (2012) e mencionadas anteriormente, tem-se que a autonomia, especialmente na sua fase inicial, pode ser inserida em sala a partir do momento em que o professor, agente facilitador, estimula o autoconhecimento do aluno, fazendo provocações e levando-o a refletir sobre as suas metas e propósitos com a aquisição da língua. Tais questionamentos estão intimamente ligados ao estímulo da consciência do aprendiz em relação a sua aprendizagem, haja vista que é por meio dela que ele trilhará o seu percurso.

Uma vez iniciado o processo, é introduzido o ato de monitorar: o aluno buscará técnicas de estudo que tornarão seu aprendizado mais rentável, selecionando os materiais que lhe ajudarão a compreender os conteúdos estudados. Para fixá-los, pode-se estabelecer uma prática colaborativa com outro aprendiz, o chamado *pair work*, na qual a interação fortalecerá a aprendizagem de ambos, bem como o senso de responsabilidade e a independência dos indivíduos. Paralelamente a isso, o educando poderá acompanhar a sua evolução e, assim, ganhará autoconfiança ao reconhecer seus progressos. É nesse momento que a autoavaliação é exercitada: ao ter a percepção do quanto a língua foi desenvolvida ao longo do processo, o aluno será capaz de mensurar as informações que foram assimiladas com sucesso e aqueles assuntos que precisam ser revisados.

Embora as questões da autonomia relacionadas especialmente aos aprendizes tenham sido o foco até agora, faz-se necessário tratar sobre os proveitos que o ensino-aprendizagem

da autonomia proporciona tanto ao aluno quanto ao professor. A utilização de práticas pedagógicas que se baseiam na autonomia permite que o docente explore estratégias diversificadas, ministrando aulas mais dinâmicas e atrativas aos seus alunos. Desse modo, uma série de fatores podem ser desencadeados: ao utilizar metodologias inovadoras, o docente pode vir a despertar a atenção dos educandos e, por meio disso, será capaz de desempenhar o papel de facilitador da aprendizagem, disseminando diferentes estilos de estudo para que os estudantes possam identificar as que mais acharem interessantes e adequadas, além de fomentar discussões em sala, estimulando o senso crítico da turma.

Já para o aluno, adquirir uma nova língua por meio de um ensino pautado na autonomia significa descobrir sua própria independência e utilizá-la como uma ferramenta para seguir aprendendo, estando ou não em um ambiente escolar. Além disso, é essencial frisar que o autoconhecimento é um fator influente nesse processo, haja vista que é através dele que o aluno reconhecerá quais práticas lhe ajudam a aprender melhor e quais atividades são mais interessantes sob seu ponto de vista, além de permitir uma autoavaliação sincera, valorizando os acertos obtidos no processo e admitindo os erros cometidos. Deste modo, o educando ganhará autoconfiança e conquistará, gradativamente, o controle de sua própria aprendizagem.

Diante do exposto, torna-se necessário inserir a autonomia igualmente nos procedimentos avaliativos dos alunos, uma vez que avaliações muito estruturalistas poderão julgar o indivíduo não pelo seu desenvolvimento, mas pela nota obtida pelas respostas na prova, que não necessariamente refletirão o que foi aprendido. Faz-se, então, necessário observar os progressos que o aluno fez durante o período, no que diz respeito a sua participação nas discussões propostas, bem como a maneira como a língua foi utilizada em sala e também a sua postura enquanto responsável pelo seu processo de aquisição da língua inglesa.

### **A relação entre autonomia e o *Student-Centred Learning* (SCL)**

De acordo com Jacobs e Renandya (2016), o *Student-Centred Learning* é uma estratégia de ensino-aprendizagem cujas raízes estão relacionadas à *Progressive Education*, *Humanistic Psychology*, *Constructivism* e a *Sociocultural Theory*. Em adição, também são

pontuados os elementos que constituem o SCL, a exemplo das interações *student-student*, *thinking skills*, *curricular integration*, *learner autonomy*, *respect for diversity*, *alternative assessments*, entre outros. Desta forma, os autores definem que “o SCL muda o foco de instrução dos professores para os estudantes e os prepara para que eles sejam aprendizes para a vida, isto é, pessoas com a habilidade e o desejo de continuar aprendendo dentro e fora da educação formal”.

Nesse contexto, é apresentado pelos estudiosos os dez elementos que constituem o *student-centred learning*, os quais contribuem para explicar e argumentar como tal estratégia pode ser inserida em sala de aula e de que maneira influencia na aprendizagem dos estudantes. As interações entre os educandos são incentivadas pelo educador, que, por sua vez, assume uma postura de co-aprendiz, reconhecendo que é possível aprender juntamente aos seus alunos. A autonomia do aluno se configura, então, como um traço marcante nesta teoria, haja vista que a dependência deste em relação ao professor é rompida gradativamente. Desse modo, seguindo a ideia de Jacobs e Renandya (2016), o foco no significado por trás da aquisição da língua torna-se essencial, pois a partir do momento em que o aprendiz reflete acerca do que e por quais motivos está estudando, ele se transfigura em um indivíduo consciente de seu processo de aprendizagem. Outrossim, o SCL também encoraja o aluno a estabelecer uma ligação entre os conteúdos ministrados em sala de aula e os acontecimentos fora dela.

A compreensão da diversidade é outro ponto favorecido por esta perspectiva, uma vez que, por meio da interação entre si, os aprendizes aprendem a lidar com suas peculiaridades e, conseqüentemente, a respeitá-las. O *student-centred learning*, ao proporcionar autonomia ao aluno, também o encoraja a explorar os conhecimentos adquiridos, não apenas dentro do ambiente escolar, como também fora dos muros que o cercam, por meio de pesquisas e debates entre os próprios discentes, nos quais se fortalecem a interação social e se cria uma dinâmica que possibilita aos aprendizes a oportunidade de poder ensinar e aprender uns com os outros. Diante dessa construção, tem-se uma ruptura dos métodos tradicionais de avaliação, dando espaço a diferentes formas para que as competências do aluno sejam analisadas, considerando, assim, a sua evolução no uso da língua e o seu engajamento em sala, além de permitir que ele mesmo faça uma autoavaliação e reconheça tanto os seus progressos como suas falhas. A partir desse conjunto, cria-se um ambiente favorável para a

prática e o envolvimento dos aprendizes e do professor, o que contribui com a motivação no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira.

Por outro lado, Rogers (1983), em seus estudos, disserta sobre a insatisfação e a desmotivação dos estudantes em seu processo de aprendizagem diante das metodologias comumente utilizadas no ensino tradicional, as quais ditavam, e ainda hoje ditam, não somente os conteúdos que devem ser aprendidos em sala, bem como de que maneira essas informações devem ser adquiridas pelos aprendizes. Contrapondo essa estrutura, o *student-centred learning*, baseado nas ideias do autor, procuraria tornar a aprendizagem mais significativa, por meio da criação de um ambiente sensível e humano, promovendo a criatividade do aluno, bem como a sua liberdade para optar o que estudar e de que forma fazê-lo. O professor, nesse contexto, passa a desempenhar a posição de facilitador da aprendizagem, encorajando e contribuindo com a motivação do aprendiz durante o processo de aprendizado, neste caso, da língua estrangeira. Assim, Rogers (1983, p.20) pontua que “uma aprendizagem significativa combina a lógica e a intuição, o intelecto e os sentimentos, o conceito e a experiência, a ideia e o significado. Quando aprendemos desta forma, nos tornamos completos”.

Seguindo essa premissa, Harden e Crosby (2000) expressam que um indivíduo, para ser considerado um bom professor, deve ser aquele que auxilia o aluno a aprender. A partir disso, os autores tornam perceptível o foco sobre o docente e na maneira como suas ações contribuem com a aprendizagem do educando. Assim, de acordo com Harden e Crosby (2000, p. 335), “as estratégias centradas no professor o colocam como o transmissor de informações, com conteúdos sendo passados de um educador especialista para um aprendiz novato”. Tal assertiva é similar à teoria de Paulo Freire (1996), descrita em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, no que diz respeito à educação bancária, em que o docente é visto como o detentor da sabedoria e o estudante, o depósito de conhecimentos. O *student-centred learning*, então, contraporía estes pensamentos, uma vez que tem em vista a forma como os conteúdos são aprendidos e as ações que os próprios alunos desempenham durante o processo de aprendizagem. Desta forma, Harden e Crosby (2000, p. 335) afirmam que “estratégias voltadas ao aluno, em contraste, concentram-se nas mudanças que acontecem na aprendizagem e no que estes fazem para alcançá-la, em vez de focar o que o professor faz”.

À face dos fatos supracitados, tem-se que a autonomia do aprendiz pode se configurar em uma importante engrenagem no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, haja vista que promove a participação ativa do indivíduo na aquisição do idioma, através da liberdade para a escolha de tópicos que serão aprofundados e da possibilidade de explorar diferentes estratégias de estudo que se encaixem em seus perfis enquanto aprendizes, tornando, conseqüentemente, a aprendizagem mais produtiva. Todavia, para que esta perspectiva ganhe vida em sala de aula, é essencial que o agente facilitador da aprendizagem, o professor, tenha familiaridade com os conhecimentos relacionados à implementação da autonomia do aluno no âmbito escolar. Caso o profissional tenha também tido a oportunidade de viver uma experiência similar em seu processo de formação docente, a condução de aulas focadas na autonomia será ainda mais facilitada, uma vez que o professor conseguirá visualizar os benefícios, especialmente para os seus educandos, que essa estratégia pode proporcionar durante o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

### **A autonomia do aluno no curso de Letras Português-Inglês, da Universidade Federal de Sergipe (UFS)**

Depois de considerar algumas concepções de autonomia, transfigura-se em um fator indispensável, a análise da influência desta perspectiva a partir do princípio, isto é, dentro das salas de aulas das Universidades, em especial, a Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde os futuros docentes estão em processo de formação para exercerem a profissão mais tarde. São estes os indivíduos que poderão vir a se tornar agentes facilitadores do aprendizado e, assim, corroborar para que seus alunos se tornem aprendizes para a vida.

Não obstante, conforme expressado precedentemente, para que essa visão se torne realidade, a autonomia precisa estar presente dentro da universidade, no momento em que esses, até então estudantes, estão se descobrindo enquanto futuros professores. É com base nesta experiência que eles compreenderão os impactos que a autonomia tem no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira e, dessa maneira, serão capazes de buscar meios pelos quais poderão inseri-la em suas aulas, quando estiverem lecionando.

Tendo em mente essa percepção, a pesquisa desenvolvida tem por propósito analisar o ponto de vista dos discentes do oitavo período do curso de Letras Português-Inglês, da

Universidade Federal de Sergipe (UFS), à respeito da autonomia referente ao ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, particularmente, a língua inglesa, bem como identificar de que maneira ela foi inserida nas disciplinas durante o curso, e os frutos que foram observados com a utilização desta estratégia em sala.

Para tal, é importante atentar-se ao cenário corrente de pandemia mundial do coronavírus, que acarretou no fechamento das universidades por tempo indeterminado, obrigando a implementação do ensino remoto emergencial para os cursos presenciais. A conversão da modalidade presencial para a virtual causou um choque para os alunos, que estavam acostumados à dinâmica da sala de aula e à proximidade física com o professor. Para as pesquisas sobre o ensino a distância, nesse contexto, torna-se primordial investigar a dependência do estudante em relação ao educador, com destaque para a questão da autonomia do aprendiz diante de tempos pandêmicos, nos quais a intervenção direta do docente no ensino-aprendizagem da língua é reduzida drasticamente, possibilitando que o aluno se torne mais responsável pela sua aprendizagem e, desse modo, tenha a liberdade de explorar e utilizar novas técnicas que julgue mais apropriadas ao seu perfil de aprendiz, além de optar por recursos tecnológicos para aprimorar suas pesquisas. É necessário, no entanto, um preparo tanto do docente quanto do discente, de modo que novas práticas possam ser inseridas, para que não haja prejuízo nos processos educacionais instaurados e o aluno consiga desenvolver uma maior autonomia em direção à aprendizagem de uma língua estrangeira. Segundo Bordenave e Pereira (2002, p. 38),

o aprender não é a mesma coisa que ensinar, já que aprender é um processo que acontece no aluno e do qual o aluno é o agente essencial. É bem sabido que muitas coisas se aprendem sem necessidade de serem ensinadas. [Ressalta-se como mais importante] a necessidade de o professor compreender adequadamente o processo de aprender.

Considerando tal assertiva, pode-se entender que a autonomia, ao ser inserida em sala pelo docente, corrobora, não somente para que o protagonismo do estudante seja reconhecido e fortalecido, como também proporciona ao professor a consciência de que o processo de ensino-aprendizagem precisa ser individualizado, e a padronização acarreta em prejuízos para o discente. A partir deste entendimento, o educador dará condições aos futuros docentes para refletir criticamente acerca de uma perspectiva voltada à autonomia

do aluno e, dessa forma, esses aprendizes possam ter a base necessária para, futuramente, implementá-la em suas aulas.

Visando realizar uma investigação profunda das questões da autonomia do aprendiz no contexto do curso de Letras Português-Inglês da UFS, a referida pesquisa foi fundamentada em uma combinação das metodologias quantitativa e qualitativa, abrangendo respostas objetivas, além de proporcionar aos participantes um espaço para o compartilhamento de seus pontos de vista acerca da temática abordada. Tem-se, assim, a possibilidade de quantificar os dados obtidos, na medida em que são consideradas e analisadas as concepções e vivências dos alunos participantes em relação à autonomia no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira dentro da universidade, o que torna o estudo ainda mais complexo e fiel à realidade.

Posto isso, e tendo em conta o período pandêmico que o mundo está vivendo, devido à disseminação do Coronavírus, a pesquisa foi aplicada de maneira virtual, por meio da plataforma *Google Forms*, e foi direcionada, especificamente, aos alunos do oitavo período do curso de Letras Português-Inglês da UFS. Por estarem na reta final da graduação, inferiu-se que os universitários em questão já possuíam uma base sólida de conhecimentos, assim como a vivência necessária para refletir criticamente sobre seu perfil enquanto professores. Ao todo, catorze perguntas constituíram o questionário, sendo elas abertas, permitindo ao indivíduo expressar e detalhar a sua perspectiva sobre o tema; fechadas, sendo binárias ou de múltipla escolha, assegurando ao participante a seleção da(s) opção(ões) com as quais melhor se identificassem; além de perguntas no modelo escala de Likert, porém utilizando somente quatro alternativas, de modo a evitar respostas neutras e imparciais.

Primeiramente, foi apresentado ao participante um termo de consentimento livre e esclarecido, o qual detalha os propósitos da pesquisa e salienta o compromisso da não divulgação de qualquer dado pessoal obtido com o questionário, mantendo o sigilo e a confidencialidade de tais informações, além de promover a criação de um nome fictício pelo qual o indivíduo deseja ser tratado durante a pesquisa. Outrossim, foram esclarecidos os riscos da participação no estudo, que neste caso, são mínimos, e foi igualmente elucidado o direito de desistência do participante, incluindo a remoção de todos os dados fornecidos por este ao longo da pesquisa e as providências legais que podem ser tomadas, caso o indivíduo se sinta, de alguma forma, prejudicado.

Partindo do consentimento do participante, tem-se a primeira seção do questionário, a qual se concentra nas experiências individuais de cada estudante, no que diz respeito ao contato com a língua estrangeira tanto antes, como também depois da graduação, de modo a antecipar a familiaridade de cada um com o idioma. Baseado nisso, as questões da autonomia do aprendiz são sutilmente introduzidas nas perguntas, a fim de analisar o ponto de vista dos universitários do curso supracitado acerca da influência da autonomia em seu processo de aquisição da língua estrangeira, bem como a utilização de tal estratégia pelos docentes no decorrer do curso de Letras Português-Inglês da IES. Já a segunda e terceira seções da pesquisa têm como ponto focal as percepções dos participantes acerca da definição da autonomia e a sua importância no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. É nesta etapa do questionário que é possível investigar as noções dos participantes, no que diz respeito à autonomia, tanto do aprendiz quanto do próprio docente, seja por meio das perguntas de cunho subjetivo, ou através das questões de múltipla escolha e grau de concordância.

### **Análise do questionário aplicado**

O questionário sobre o impacto da autonomia no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira foi enviado aos alunos de uma turma do oitavo período do curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe, tanto de maneira coletiva, por meio de grupos estudantis, como também individualmente. Tendo isso em mente, torna-se válido ressaltar que foram realizadas diversas tentativas de divulgação do estudo, para conquistar a participação dos discentes, entretanto, muitos decidiram por não responder ao questionário (Anexo 1). Assim, diante uma classe de cinquenta discentes, somente quinze demonstraram interesse e aceitaram participar da pesquisa, o que equivale a 30% da amostra total. Desses quinze estudantes, três homens e doze mulheres compõem o grupo, representando 20% e 80% do total, respectivamente.

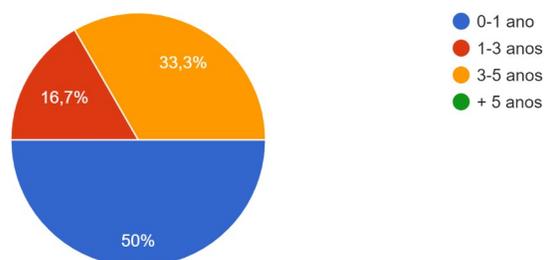
As experiências vivenciadas no decorrer da graduação em relação às metodologias de ensino as quais tiveram contato e o processo de aquisição da língua, considerando o curso de licenciatura em inglês, foram fatores decisivos na escolha do público desta pesquisa. Ademais, também atenta-se ao fato de que tais participantes estão na reta final da graduação, o que leva a inferir que estes já possuem uma visão crítica de seu perfil enquanto professor.

Posto isso, tendo a importância da vivência e dos conhecimentos prévios adquiridos pelo indivíduo a respeito do idioma, tornou-se essencial investigar o seu contato inicial com a língua. Sendo assim, procurou-se identificar se os futuros docentes haviam tido a oportunidade de frequentar cursos de idiomas antes de ingressar na universidade e, em caso positivo, durante quanto tempo estudaram em tais instituições.

Conforme evidencia o gráfico (figura 1), 60% dos participantes (nove pessoas) indicaram que nunca estudaram inglês em uma escola de idiomas. Por outro lado, 40% dos universitários afirmaram ter frequentado algum curso de línguas. Dentro desse grupo, 50% dos discentes apontaram ter cursado por até um ano, enquanto que, em cerca de 16,7% da amostra, essa frequência ficou de um a três anos. Somente 33,3% dos participantes, isto é, duas pessoas, chegaram a estudar entre três e cinco anos. Nenhum deles assinalou ter feito o curso por mais de cinco anos.

Figura 1: Período durante o qual os participantes estudaram em um curso de idiomas.

2 - Em caso afirmativo, durante quanto tempo você fez o curso?  
6 respostas



Fonte: Dados compilados pela autora, a partir dos questionários respondidos.

Baseado nos dados colhidos, infere-se que, pelo menos, doze pessoas tiveram seu contato inicial com a língua estrangeira por meio da educação básica e, posteriormente, na universidade, a partir do momento em que ingressaram no curso de Letras. Tendo isso em mente, compreende-se que esses participantes não tiveram outros acessos à língua inglesa forados dois ambientes supracitados, o que significa que suas referências de metodologias de ensino e práticas pedagógicas são baseadas em suas experiências na escola, onde geralmente se prevalece um modelo de ensino mais tradicionalista, e, mais tarde, na

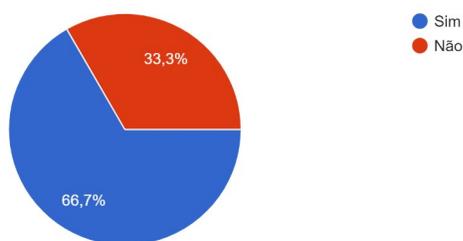
universidade, onde aulas são ministradas na língua estrangeira desde o primeiro até o último dia do curso. Levando isso em conta, os métodos de ensino os quais tiveram contato na IES são de extrema importância na reflexão dos alunos enquanto futuros professores, haja vista que tais estratégias podem ter influenciado não somente na aquisição do idioma, como também nas suas habilidades em licenciatura.

Partindo da vivência do aluno a respeito da língua estrangeira em questão e levando em consideração os conhecimentos que foram adquiridos no decorrer da graduação, buscou-se averiguar as concepções dos estudantes sobre a autonomia na aprendizagem do inglês. Ao serem questionados sobre a possibilidade de um aluno autônomo ter mais facilidade na aquisição do idioma, 66,7% dos participantes (dez pessoas) responderam positivamente, indicando que acreditam, sim, que a autonomia do educando pode favorecer o aprendizado da língua. Em contrapartida, 33,3% dos entrevistados responderam “não”, manifestando discordância com relação à possibilidade da autonomia do aprendiz beneficiar o processo de aprendizagem. (Figura 2)

Figura 2: Percepção dos discentes sobre a autonomia do aluno facilitar na aprendizagem de uma língua estrangeira

3 - Considerando a sua bagagem no curso de Letras, você acredita que um aluno autônomo teria mais facilidade na aquisição de uma língua estrangeira?

15 respostas



Fonte: Dados compilados pela autora, a partir dos questionários respondidos.

Amparado no retorno dos participantes, no que se refere às suas crenças sobre o impacto da autonomia na aquisição de uma língua estrangeira, tornou-se indispensável averiguar as percepções dos futuros docentes sobre a definição de autonomia, já que a grande maioria reconheceu a importância do aluno autônomo no processo de ensino-aprendizagem de uma LE. Ao se referirem sobre os conceitos de autonomia, cerca de 26,6% dos universitários (quatro pessoas) tiveram posicionamentos similares aos encontrados

quando da revisão da literatura, no que diz respeito a uma perspectiva centrada no aluno, mas diferenciando da ideia de autodidatismo. Assim sendo, no ponto de vista de Marina (2021), a autonomia seria “o aluno ser protagonista no seu processo de aprendizagem, por meio da participação ativa nas aulas; além de estar ciente do seu papel como agente da construção do seu próprio repertório de conhecimento”. Nesse sentido, entende-se que a autonomia estaria intimamente relacionada ao engajamento do aluno nas aulas e à consciência deste sobre o seu processo de aprendizagem do inglês, o que reflete na busca pelo conhecimento não apenas dentro da IES, bem como fora dela.

Por outro lado, 20,2% do público apontaram concepções as quais eram parcialmente compatíveis com o conceito de autonomia aqui trabalhado. Isto é, somente parte da resposta se adequava às ideias aqui apresentadas. No entendimento de Isabel (2021), a autonomia seria a ação de “buscar estudar e aprender além do que está programado na ementa do curso, sem necessitar da participação de um tutor”. Desse modo, tem-se que o envolvimento do aluno, tanto dentro como fora do ambiente universitário, é visto como um traço marcante da autonomia no ensino-aprendizagem da língua. Porém, neste caso, esse processo incluiria somente o aprendiz, excluindo a presença de um professor e, em consequência, o seu papel de facilitador da aprendizagem. No entanto, por aluno autônomo, não se entende a ausência de orientação ou de guia durante os estudos. Trata-se, dessa forma, de uma confusão, conforme mencionado anteriormente, entre autonomia e autodidatismo.

Já aproximadamente 39,9% dos entrevistados relacionaram a autonomia a uma aprendizagem totalmente independente, descartando a necessidade de cooperação de um docente e enfatizando a busca do conhecimento como uma ação a ser feita por conta própria, sem auxílio de terceiros. Nesse contexto, para Clarissa (2021), a autonomia significaria “a capacidade de desenvolver por conta própria subsídios para chegar a aprendizagem de algo em interesse”. Com base nessa assertiva, compreende-se que a autonomia estaria voltada a um processo de aquisição da língua, na qual o único agente envolvido seria o próprio indivíduo. Este desenvolveria os meios pelos quais aprenderia a língua, sem a orientação de um tutor ou a interação com outros aprendizes da mesma temática. Por fim, 13,3% dos participantes compartilharam respostas superficiais, que não se aplicaram diretamente à temática, não sendo possível analisá-las com mais clareza.

Na sequência, buscou-se investigar as questões da autonomia do aprendiz durante o curso supracitado na IES. Desse modo, os participantes foram perguntados se a autonomia esteve presente durante a graduação, pedindo-se uma justificativa da resposta dada, a fim de se ter uma melhor compreensão do ponto de vista de cada um deles. Como devolutiva, todas as quinze pessoas responderam esta questão positivamente, indicando que, de fato, sua autonomia foi estimulada ao longo do curso.

No entanto, a combinação de algumas respostas causa-nos surpresa, pelas contradições encontradas durante a leitura dos questionários respondidos. É o caso da discente Melancia (2021), que esteve entre os 33,3% (cinco pessoas) do público que discordou da assertiva sobre a possibilidade de um aluno autônomo ter mais facilidade na aquisição da língua, mas que, em determinado momento, elencou a autonomia como uma estratégia para se estudar além do que é requerido pelos professores, por meio da liberdade na escolha de métodos de aprendizagem, de modo a visar melhores resultados e o aprendizado em si, não somente a aprovação nas disciplinas. Sobre a dinâmica durante a graduação, Melancia (2021) chegou a afirmar que “os professores sempre nos deixaram muito livres, dentro dos limites, para buscar formas que nos fizessem aprender melhor. Em sua maioria, incentivavam um aprendizado mais satisfatório, não buscando apenas notas”. Tendo em mente este ponto de vista, nota-se que a aluna tem uma ideia de autonomia associada à liberdade para descobrir e utilizar diferentes técnicas em sua aprendizagem, objetivando o aperfeiçoamento do processo da aquisição da língua. Outros alunos também incorreram em situações similares, posicionando-se ora contrários à autonomia, ora enfatizando os seus efeitos.

Aproximadamente 40,02% dos participantes apontaram a importância da autonomia em sua formação acadêmica, levando em conta a ausência de oportunidade para frequentar cursos de idiomas e, conseqüentemente, a falta de uma base sólida da língua estrangeira. Perante essa lacuna, tornou-se indispensável buscar conhecimentos além dos conteúdos ministrados na universidade, com o propósito de ter um melhor rendimento e conseguir acompanhar as aulas. Nesse sentido, Clarissa (2021) afirmou que: “por mais que a universidade e o conjunto de professores foram importantes na minha formação, minha autonomia enquanto graduanda foi crucial em diversos momentos, inclusive no enfrentamento de dificuldades no processo de aprendizagem da Língua Inglesa”. Diante

desse cenário, compreende-se que há a necessidade de um esforço extra, isto é, a busca por informações fora dos limites da universidade, por parte dos alunos, uma vez que a graduação em Letras Português-Inglês está mais ligada ao aprender a ensinar do que ao aprendizado da língua em si. Nesse caso, a aquisição do idioma e a eficiência no desempenho acadêmico acabam por exigir do futuro docente um comportamento mais autônomo e menos dependente dos professores da universidade.

Ademais, 26,68% (quatro pessoas) da amostra total argumentaram, nesse questionamento, que as metodologias utilizadas no decurso da graduação tinham estimulado sua autonomia, lapidando a sua capacidade de aprender os conteúdos, ao contrário de decorá-los. Seguindo esse contexto, os participantes também se referiram à utilização da leitura e conhecimentos prévios como forma de estímulo à autonomia durante as discussões nas aulas. Tal posicionamento, por vezes, aproximava-se de algo mais impositivo do que dialógico, como pode ser encontrado na fala de Cruz N. (2021), ao indicar que

em geral, os professores exigem um posicionamento autônomo do estudante ao pedir que os alunos leiam determinados materiais (artigos/livros/dissertações) para serem discutidos durante a aula, dessa forma o aluno que não realizar a leitura terá mais dificuldade de acompanhar a aula, os posicionamentos dos colegas e do próprio professor (sublinhado pela autora).

Ainda sobre as crenças dos futuros docentes, no que diz respeito à autonomia ao longo da graduação, foi solicitado àqueles, cuja resposta tinha sido positiva, isto é, confirmando que sua autonomia enquanto aprendiz tinha sido estimulada durante o curso, que detalhassem de que maneira os educadores tinham o feito. Conforme exposto acima, todos os participantes assinalaram afirmativamente essa questão. Todavia, somente doze pessoas, de fato, responderam esta pergunta, enquanto duas deixaram em branco e uma não deu uma resposta compatível com o tipo da questão. Portanto, 33,3% do público (cinco pessoas) indicou que a autonomia foi encorajada a partir de atividades em que o tema era livre, contribuindo para que houvesse a protagonização por parte dos aprendizes, que puderam participar ativamente de tais aulas e compartilhar suas ideias, além de refletir criticamente sobre o assunto apresentado. Nesse contexto, segundo os entrevistados, a aceitação de respostas divergentes do ponto de vista do docente também se configurou como um estímulo

a autonomia deles, visto que o papel do educador foi de mediador, em vez de detentor do saber. Desse modo, a docente em formação Isabel (2021) justificou que

muitos docentes propunham apresentações de temáticas livres em que os alunos em muito se empolgavam. Quando falamos de um assunto que entendemos, nos sentimos mais confiantes. E particularmente, acredito que é necessário você saber que é capaz de aprender para se tornar um aprendiz autônomo. À medida em que a turma conseguia realizar as atividades propostas, a vontade de evoluir "por fora" do que era exigido aumentava.

Alicerçado nisso, é possível identificar que a forma como os educadores trabalham os conteúdos em sala influencia diretamente no grau de autonomia do aluno e de que maneira ele se posicionará durante as atividades propostas. Ao permitir que o estudante tenha a liberdade de escolher quais temas deseja apresentar e de que forma irá fazê-lo, o professor incentivará não apenas a autonomia, como também a criatividade do discente, além de poder participar deste processo como um facilitador da aprendizagem. Ademais, a partir do momento em que dá-se a oportunidade de vivenciar a experiência da autonomia enquanto aprendiz, o futuro docente poderá reconhecer os benefícios em seu processo de aprendizagem e, da mesma forma, terá a oportunidade de planejar aulas que privilegiam a autonomia.

Em outra visão, em torno de 13,3% dos universitários apontaram que a autonomia foi motivada por meio de metodologias de aprendizagem, que promoviam a busca pelo conhecimento não apenas dentro da universidade, como, principalmente, fora dela. A fim de exemplificar como uma perspectiva mais autônoma no ensino-aprendizagem da língua inglesa foi adotada pelos docentes do curso de Letras, Clarissa (2021) pontuou que isso aconteceu “a partir de estratégias de ensino que possibilitaram a ampliação dos conteúdos em sala para além dela”. Apesar disso, não foram indicados mais detalhes de quais, de fato, seriam tais estratégias.

Paralelamente, outros 33,3% dos entrevistados detalharam a valorização da autonomia do aprendiz pelo educador através da indicação de materiais além do que era registrado na ementa da disciplina, além da sugestão de pesquisas e ações de extensão. O propósito era de ampliar a base de conhecimentos e incitar a criação uma prática mais autônoma por parte dos alunos. Nesse sentido, na opinião de Cruz N. (2021), “os professores ao apresentarem as ementas das disciplinas fornecem referências básicas e complementares

para que os alunos possam realizar a leitura. Assim, o aluno autônomo pode utilizar essas referências e entender melhor as aulas do curso”. Tal entendimento é, de fato, coerente com as ideias de autonomia, visto que proporciona ao aprendiz uma gama de sugestões para que ele possa se aprofundar na temática em questão, colaborando para que se inteire sobre outros ângulos do conteúdo e, dessa forma, possa argumentar, contestar e validar as informações obtidas, com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre o tema. Contudo, concentrar a promoção da autonomia somente nas referências complementares de uma ementa pode ser limitante, uma vez que nem todos os alunos ampliam suas leituras a partir do que é sugerido pelo docente, já que, pela quantidade de materiais adicionais, acabam perdendo o foco e ficam na expectativa de ter um guia para que esse espectro de leituras possa ser realmente ampliado.

Todos os participantes reconheceram que a autonomia atuou, de alguma forma, na aprendizagem do idioma, na universidade. Tendo em mente esse resultado e estabelecendo uma comparação com as questões anteriores, notou-se uma certa divergência nos dados, visto que, ao menos cinco participantes, isto é, 33,3% da amostra total, discordam que um aluno autônomo teria mais facilidade na aquisição de uma língua estrangeira, conforme discutido anteriormente. Desse modo, tem-se que, apesar de indicarem que a autonomia fez diferença em seu aprendizado da LE, alguns participantes não reconheceram tal fato como sendo uma forma de favorecimento à aquisição da língua, o que se constitui em uma incoerência, já que não há como afirmar que a autonomia é importante para o aprendizado de línguas e, ao mesmo tempo, sinalizar que a aquisição de uma língua não é facilitada por práticas que privilegiam a autonomia. Com base nos dados colhidos por meio do questionário, infere-se que, possivelmente, esse não-reconhecimento se dá diante de uma concepção equivocada por parte dos entrevistados, em relação à definição da autonomia no contexto do ensino-aprendizagem de um idioma.

Seguindo essa lógica, procurou-se verificar, na percepção dos estudantes, de que maneira a autonomia fortaleceu o seu processo de aquisição da língua alvo. A respeito disso, cerca de 33,3% dos participantes (cinco pessoas) apontaram que o posicionamento mais autônomo por parte deles favoreceu o aprendizado do inglês por meio da busca pelo conhecimento fora da universidade, contribuindo com o enriquecimento do vocabulário e proporcionando um melhor desenvolvimento no aspecto gramatical da língua,

consequentemente, elevando o rendimento acadêmico. Nesse sentido, acerca da influência da autonomia em seu aprendizado, Cruz N. (2021) pontuou:

Busquei informações ou li acerca das dúvidas surgidas durante as aulas e que não tive a oportunidade de elucidar, como também li os materiais solicitados pelos professores para acompanhar as aulas e observava se as referências complementares da ementa da disciplina eram interessantes para mim.

Aproximadamente 26,6% do público atrelou a atuação da autonomia na aprendizagem da LE à pesquisa de diferentes tipos de metodologias, a fim de ser possível identificar e utilizar aquelas que pudessem se adequar ao seu perfil de aprendiz e, assim, o auxiliar a alcançar melhores resultados. Ressaltou-se, também, a liberdade para aprender a língua de maneira lúdica, a partir de recursos audiovisuais, a exemplo da música. Assim, a docente em formação Vanuzia (2021) afirmou: “depois que eu entendi que a autonomia é importante no aprendizado, me dediquei mais a conhecer qual melhor método de estudo pra mim e a descobrir todo dia algo novo que pudesse me ajudar a aprender mais rápido e de forma mais natural possível o idioma”. Sob esse ponto de vista, percebe-se que, a partir do momento em que se torna consciente de seu aprendizado, o aprendiz passa a ter uma visão mais crítica acerca das metodologias de ensino-aprendizagem, ficando apto a escolher aquelas que considera mais compatíveis com o seu estilo de estudo. Dessa forma, é possível notar uma semelhança com as ideias de Dang (2012), no que se refere ao monitoramento do processo de aprendizagem, no qual o aluno pode explorar diferentes tipos de estratégias de aprendizado e selecionar aquelas com as quais ele pode obter um melhor aproveitamento, a fim de aprimorar a aquisição do idioma.

Por outro lado, 20% dos participantes associaram a influência da autonomia em seus aprendizados à criação de um processo de ensino que tornava a aquisição da língua mais interessante e significativa, isto é, incentivando a busca pelo conhecimento pelo prazer de aprender, para eventualmente estar preparado para ensinar a língua inglesa. Sob essa ótica, Isabel (2021) expressou que:

quando um aluno está conformado em apenas anotar e repetir os conhecimentos do professor, ele pensa apenas na maneira como será avaliado e se será aprovado. A autonomia nos faz aprender porque queremos aprender, pois o conhecimento é significativo para nossas vidas. Durante todo o curso vi muito significado no que estudava, e isso me fez sempre tentar ir além no processo de aprendizado.

Além desses, cerca de 13,3% apontou que tomar um posicionamento mais autônomo em sua aprendizagem foi um fator importante para desenvolver melhor a língua inglesa e manter-se motivado durante o processo de aquisição. Apesar de reconhecer a importância da autonomia em sua aprendizagem, o participante Jurandi (2021) demonstrou incerteza ao validar a influência da autonomia em tal processo. Assim, ele indicou: “não sei dizer se potencializou, mas foi importante para desenvolver a língua. Anteriormente ao curso, eu já havia ‘tentando’ desenvolver, mas sempre me vi empacado”. A dúvida do aluno pode ser resultante de um desconhecimento sobre o que o termo significa quando se fala em processo de ensino-aprendizagem ou pela não percepção de práticas que incentivam a autonomia durante a graduação, o que fez com que ele não conseguisse se arriscar sobre uma posicionamento mais concreto em relação a sua experiência.

Já aproximadamente 6,6% da amostra total correlacionou o impacto da autonomia em sua aprendizagem ao estímulo do senso crítico, levando em conta que a aquisição de uma LE não se resume à fala e à escrita, mas também à compreensão de aspectos culturais de outros países. Nesse sentido, sobre a forma como a autonomia atuou em sua aprendizagem, Alex(2021) afirmou que “a criticidade das ideias, porque aprender uma língua estrangeira não é só falar ou escrever, é adquirir conhecimentos, aprender sobre novas culturas ao mesmo tempo em que compara com as de seu país, implicando na mutação contínua da identidade do indivíduo”. Pode-se inferir, dessa forma, que o trabalho com a autonomia teve uma relação direta com a sua motivação para a aprendizagem do idioma. Com a possibilidade de aprofundar seus estudos e o contato com uma língua estrangeira, as questões culturais ficaram mais em evidência, auxiliando o discente a estabelecer uma conexão mais forte com os seus estudos na graduação. Nesse contexto, tem-se que o posicionamento autônomo do aprendiz influencia diretamente o seu entusiasmo no processo da aquisição da LE. Todavia, ao analisar as respostas dadas, foi possível identificar certa confusão no que se refere ao emprego dos dois termos durante este estudo, uma vez que a autonomia não necessariamente leva ao letramento crítico, da mesma forma que o contrário também não é, necessariamente, observado.

Depois de coletar as informações dos participantes sobre o papel da autonomia no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira, fez-se necessário verificar a concepção destes sobre a definição desse conceito, especificamente no contexto da

aquisição de um idioma. 20% dos docentes em formação que participaram desta pesquisa (três pessoas) vincularam a autonomia na aprendizagem à capacidade de aprender o idioma sozinho, com ou sem o suporte de um professor. Nesse sentido, o autoconhecimento do indivíduo enquanto aprendiz desempenha um papel essencial, pois é baseado nele que o processo de aprendizagem se desenvolverá, por meio de métodos e estratégias que são selecionadas pelo próprio estudante, de acordo com a forma com a qual ele aprende melhor. A participante Isabel apontou que “é saber aprender sozinho, saber como estudar e de que maneira o estudo é melhor aproveitado por cada pessoa. Conhecer o que funciona para si é fundamental”. Levando em consideração tal posicionamento, compreende-se que as ideias apresentadas por tais participantes estão parcialmente compatíveis com os conceitos de autonomia analisados nesta pesquisa, no que se refere ao autoconhecimento do aluno sobre seu perfil de aprendiz, isto é, a reflexão crítica referente às estratégias com as quais ele pode aperfeiçoar seu rendimento. Contudo, o entendimento de uma aprendizagem independente, sem a supervisão ou auxílio de terceiros, está mais próxima do autodidatismo.

53,3% dos respondentes relacionaram o controle do aluno sobre o seu aprendizado e o livre arbítrio para investigar diferentes metodologias, objetivando identificar e utilizar aquelas que melhor funcionam com ele, com o conceito de autonomia. Nesse sentido, tem-se a autonomia como o ato de buscar conhecimentos além do que é trabalhando dentro do ambiente acadêmico, de modo a se aprofundar nos conteúdos referentes à língua estrangeira. Outrossim, inclui-se o autoconhecimento do aprendiz, alinhado à sua consciência em relação ao processo do ensino e aprendizagem da língua. Sobre a autonomia, Cruz N. (2021) opinou que “saber a forma que você aprende mais facilmente e explorar esse fator ao máximo, no caso de um aluno que aprende com mais facilidade ouvindo, ele pode insistir na aquisição da língua por meio de podcasts, audiobooks etc”.

Por outro lado, 6,6% dos entrevistados referenciou a autonomia como sendo uma estratégia indispensável para estimular a criticidade ao longo do processo de aprendizagem da língua. Sobre essa visão, o participante Alex (2021) comentou que “a autonomia é importante para evitar que o ensino-aprendizado se engesse, ou seja, siga regras/normas sem provocar a criticidade nas partes envolvidas”.

Sob um ângulo distinto, 20% da amostra total respondeu este questionamento, considerando a autonomia voltada ao docente. Para esses participantes, uma posição

autônoma da parte do educador diz respeito à valorização do aprendizado e da evolução do aluno durante a aquisição do idioma, bem como a compreensão de que tal processo é individual, isto é, cada aprendiz desenvolve a língua a sua maneira. Ademais, reforça-se também a criação de um ambiente confortável para a prática do inglês e a consideração do conhecimento de mundo que o aluno detém. Assim, Marina (2021) destaca que o educador autônomo deve

entender que os alunos possuem maneiras de aprender diferentes, respeitar os diferentes progressos, estimular a produção oral e textual, desenvolver discussões em sala de aula, corrigir de maneira branda [...], deixar claro que erros fazem parte do processo de aprendizagem e deixar o aluno confortável, contemplar o conhecimento prévio dos estudantes na produção das aulas, promover debates para estimular a reflexão crítica, ser flexível, empático e acessível.

Sob esse ponto de vista, infere-se que, no contexto da autonomia no processo da aquisição de uma LE, o docente desempenha um papel de facilitador da aprendizagem, tendo em mente a individualidade do ritmo de aprendizado de cada aluno e a consideração de sua bagagem de conhecimentos prévios. Ademais, tem-se a criação de um ambiente favorável ao exercício da língua, que poderá contribuir para uma postura mais desinibida por parte do aprendiz, elevando sua autoconfiança e motivação durante a aula. Os pontos levantados acima aproximam dos ideais trabalhados por Jacobs e Renandya (2016, p.21) acerca de uma abordagem centrada no aluno. Nesse sentido, os autores afirmam que:

No caso do ambiente de aprendizagem para os estudantes de uma segunda língua, estes incluem o sentimento de segurança para se comunicar em uma segunda língua, fazer parte de uma comunidade de aprendizagem na qual todos são apoiados, sentem-se respeitados uns pelos outros e têm a oportunidade de desenvolver seu único eu.

Assim, tornou-se indispensável verificar a concepção dos participantes sobre a autonomia do docente em sala de aula. Como resultado, 86,7% dos entrevistados assinalaram afirmativamente, em concordância com a importância da autonomia para o exercício do professor. Em contrapartida, 13,3% responderam negativamente, discordando de tal possibilidade. Seguindo essa lógica, foi solicitado àqueles as quais as respostas foram positivas, para exemplificar como seria a autonomia do educador em sala.

Por conseguinte, aproximadamente 61,5% dos participantes (oito pessoas) elucidaram a autonomia do professor como sendo a liberdade para organizar e ministrar suas aulas por meio de metodologias que estejam de acordo com as necessidades dos alunos, visando facilitar a aprendizagem destes, além de poder adaptar materiais didáticos, caso não os considere eficiente. Assim, também foi apontada a possibilidade de abordar diferentes temáticas, de modo a fomentar o senso crítico dos estudantes, no que diz respeito à formação do cidadão e à construção consciente de conhecimentos. Sobre um posicionamento mais autônomo do professor, Lisa (2021) indicou: “liberdade para a execução de abordagens alinhadas com o progresso da sociedade como um todo, que permitam a formação cidadã e crítica dos alunos, bem como a construção consciente e reflexiva de conhecimentos”.

Para 30,7% do público, a autonomia do educador está ligada à capacidade de adaptação a situações em que o planejamento da aula apresenta ineficácia. Nesse sentido, configura-se como um posicionamento autônomo do professor, estar preparado para se desviar do plano de aula inicialmente estabelecido e se adequar a diferentes circunstâncias, modificando as estratégias de ensino, de modo a atender as necessidades dos alunos. Além disso, também menciona-se o incentivo ao aluno na procura por métodos de aprendizagem que otimizem a aquisição do idioma, bem como a sugestão de assuntos que ele deve estudar. Assim, na compreensão de Cruz N.,

o professor precisa ter mais de um plano para suas aulas, ou seja, um "plano B" pode ser essencial para explicar um conteúdo que pode ter ocasionado outras dúvidas inesperadas por parte dos alunos. Sendo autônomo o professor poderá pesquisar e trazer informações concernentes aos debates em sala sobre qualquer questão. Por fim, reconhecer as múltiplas formas de aprendizado e utilizar diferentes estratégias que podem contribuir para as aulas.

Por outro lado, em torno de 7,6% dos entrevistados relacionaram o posicionamento autônomo de um professor com a busca pela informação como um processo corrente, de modo que, com a consciência em relação à fluidez da comunicação e do conhecimento, o docente autônomo terá maiores oportunidades de se aprofundar nas pesquisas metodológicas e conteudistas, por terem uma maior flexibilidade de ajuste de agendas e de metas de estudo. Assim, Jurandi (2021) pontuou “se referente ao próprio conhecimento, o

professor deve compreender o ‘conhecimento’ como algo fluido e contínuo, assim, a autonomia do aprendiz pode lhe fornecer uma formação continuada consciente”.

Após a coleta dos dados expostos, foram apresentadas aos participantes algumas sentenças sobre as quais eles poderiam analisar e selecionar a opção que melhor refletiria seu grau de concordância. As alternativas variavam entre: discordo totalmente, discordo, concordo e concordo totalmente.

Ao averiguar os resultados, identificou-se que pelo menos 86,6% do público considerou que a capacidade de controlar a própria aprendizagem, assim como a utilização do *self-assessment*, isto é, a autoavaliação do aprendiz frente ao seu processo de aquisição da língua, seriam características marcantes de um ensino-aprendizagem pautado na autonomia do aluno. Nesse contexto, todos os participantes concordaram que a autonomia pode se diferenciar de acordo com a idade e a proficiência do aprendiz no idioma em questão, além do nível de consciência que ele possui sobre seu processo de aprendizagem da língua. Ainda sob esse ponto de vista, 93,3% da amostra total indicaram crer que, de fato, que a autonomia está ligada ao senso crítico, a tomadas de decisões e a atitudes mais independentes do professor.

Similarmente, foi unânime a concordância destes docentes em formação acerca do fato de que uma metodologia de ensino baseada na autonomia do educando pode estimular e fortalecer a sua autoconfiança, no que se refere à prática da LE, contribuindo para que o aluno continue motivado e evoluindo durante este processo. Diante desse contexto, 73,3% dos entrevistados concordaram que uma abordagem centrada no estudante impacta diretamente no papel que o educador exerce em sala de aula. Ao permitir que o estudante seja um agente ativo em seus estudos, o professor desempenha o papel de facilitador da aprendizagem, oferecendo meios para que seus alunos consigam acompanhar as aulas, desenvolver-se e continuar a aprender de forma mais autônoma, aprendizado esse que deve ser levado para a vida.

Outrossim, ao menos 73,3% dos participantes discordaram da possibilidade da autonomia, no contexto do ensino-aprendizagem de uma língua, estar relacionada especificamente ao aprendiz independente, que desconsidera a orientação de terceiros, seja um professor ou um colega e, indo ao encontro desse posicionamento, aproximadamente

86,6% dos discentes concordaram que o *pair work* é uma referência de autonomia do aluno em sala de aula.

Visando identificar as percepções dos participantes acerca de um ensino-aprendizagem de línguas autônomo, foram apresentadas novamente onze assertivas, dentre as quais cada aluno poderia selecionar até cinco opções que considerasse compatíveis com a sua definição do termo. Em resposta a esta questão, 73,3% dos entrevistados apontaram o ato de planejar e gerenciar os conteúdos da aprendizagem como um atributo da autonomia do aprendiz, assim como o senso de responsabilidade e controle do aprendizado. Outros pontos comumente identificados pelos docentes em formação como uma forma de posicionamento autônomo dizem respeito à pesquisa por métodos de ensino-aprendizagem que contemplem diferentes perfis de aprendizes, o estímulo à criatividade e a autoconfiança do indivíduo e os exercícios extra classes desenvolvidos pelo próprio aluno, através de estratégias que se adequam ao seu estilo de aprendizado e, conseqüentemente, proporcionam um melhor rendimento.

Pelo menos 26,7% do público relacionou a autonomia no ensino-aprendizagem a uma abordagem baseada no *Student-Centred Learning* (SCL), método em que o aluno desempenha uma participação ativa e consciente em seu processo de aprendizado. Estes participantes também apontaram a criação de oportunidades para praticar os conhecimentos adquiridos e as atividades em parceria com colegas, o chamado *Pair Work*, como traços compatíveis de um comportamento autônomo por parte de um aprendiz. Do outro lado, somente 20% dos participantes indicaram a prática do *self-assessment* como uma forma de favorecimento a autonomia do aluno. Nesse sentido, também foram poucos os indivíduos que assinalaram o aprendizado independente e sem suporte de um professor como sendo um reflexo da autonomia no contexto da aprendizagem de uma língua estrangeira.

### **Algumas Considerações**

Diante dos dados coletados por meio do questionário, identificou-se que todos os participantes da pesquisa tiveram a sua autonomia estimulada em algum momento durante a graduação. De acordo com as suas considerações, tornou-se possível ter um

posicionamento mais autônomo no decorrer do curso, a partir do momento em que os docentes apresentavam atividades de temáticas livres, o que permitia o exercício da criatividade do discente, ao mesmo tempo em que estimulava a pesquisa extra classe, não somente para obter um excelente desempenho acadêmico, mas, também, pelo prazer de se aprofundar no tema escolhido. A indicação dos professores sobre livros, artigos e outros materiais, além da sugestão de pesquisas e eventos, também exerceram influência sobre a autonomia no aprendizado dos estudantes, por terem se configurado como guias iniciais para que eles refletissem e pudessem romper os limites da Universidade, mantendo a busca pelo conhecimento fora dela.

Nesse sentido, faz-se válido salientar que a colocação do educador, apontada diversas vezes nas respostas obtidas na pesquisa, foi um fator decisivo para o encorajamento da autonomia dos entrevistados, no que diz respeito às estratégias de ensino implementadas durante as aulas, as propostas de exercícios em formatos diferenciados, utilizando uma dinâmica mais lúdica e o aprimoramento do letramento crítico, por intermédio dos debates promovidos. Similarmente, os participantes apontaram, no decurso deste estudo, que o posicionamento dos docentes contribuiu para o estímulo de sua autonomia no aprendizado da língua inglesa, em referência à aceitação de ideias e posições contrárias à do professor, assim como a transição do papel deste de detentor do saber para mentor de seus alunos, isto é, o facilitador da aprendizagem.

Outrossim, considerando que as disciplinas são, em sua maioria, ministradas na língua estrangeira durante todo o curso, houve participantes que indicaram que ter um posicionamento mais autônomo no aprendizado da língua tornou-se uma necessidade, pois não dispunham de uma base sólida de conhecimentos a respeito do idioma em questão, uma vez que o ensino de línguas em escolas de idiomas no Brasil é pouco acessível. Tais estudantes apontaram a autonomia como uma estratégia importante, e necessária para a sobrevivência no curso, não somente no processo de aquisição da língua inglesa, bem como na evolução do desempenho acadêmico. Assim, pode-se salientar que seus posicionamentos autônomos se manifestaram na procura de ações de extensão para aprimoramento dos aspectos da língua estrangeira e as culturas a ela relacionadas; na inscrição em cursos de curta duração voltados ao aprendizado do idioma, como é o caso do programa Idiomas sem Fronteiras (IsF); além do engajamento em projetos de residência pedagógica, que

contribuem diretamente com o aperfeiçoamento da LE, ao mesmo tempo em que permite o aprendiz vivenciar uma prática inicial da docência.

Em se tratando das concepções acerca da autonomia no contexto do ensino-aprendizagem de uma LE obtidas neste estudo, constatou-se que uma parcela significativa do público-alvo compreende um aluno autônomo como um ser capaz de desenvolver a sua aprendizagem de maneira independente, sem a assistência de um educador ou mesmo sem a interação com outros aprendizes que estão vivendo o mesmo processo. Entretanto, ao pensar sobre a autonomia como uma estratégia de autossuficiência no aprendizado de um idioma, o aluno constrói uma visão equivocada sobre o assunto, já que, para desempenhar um papel mais autônomo na aquisição da língua, é necessário, primeiramente, aprender a ter autonomia. A figura do professor torna-se, então, indispensável, pois ele é o agente que poderá contribuir diretamente para que o posicionamento autônomo do estudante seja incentivado e desenvolvido, de forma gradativa, durante o processo de aprendizagem do idioma.

A aquisição de uma língua de maneira independente, frequentemente salientada durante o questionário, está mais ligada a um ponto de vista autodidata, no qual o indivíduo detém a capacidade de obter conhecimentos e regular toda a sua aprendizagem, dispensando o auxílio de terceiros, podendo, assim, limitar o seu processo de aquisição da língua. A autonomia, por outro lado, é vinculada ao autoconhecimento do aprendiz, no que se refere aos estilos de aprendizagem que se adequam ao seu perfil e, portanto, podem lhe proporcionar melhores resultados, além de tornar a busca pelo conhecimento da LE mais significativa e prazerosa. Seguindo essa lógica e atentando-se ao fato de que nem todos possuem noções de práticas autônomas, o educador converte-se em uma agente fundamental para guiar seus alunos em um processo de aquisição da língua que seja mais individual e libertador, porém inclusivo, com o destaque para a interação com outras pessoas para o enriquecimento e potencialização do aprendizado.

Além da independência na aquisição da língua inglesa, notou-se que os participantes frequentemente relacionaram a autonomia à construção de seu senso crítico, por meio da fomentação de debates e da utilização de propostas que lhes permitiam manifestar suas opiniões abertamente, além de refletir acerca da temática. Levando em consideração que muito se discute sobre Letramento Crítico (LC) na Academia e tendo como base as respostas

coletadas por meio deste estudo, é possível inferir que os alunos podem ter confundido a definição da autonomia no ensino-aprendizagem com o LC, ao indicar que ter posicionamentos mais críticos durante as aulas seria um traço de um aprendiz autônomo. Apesar de a criticidade fazer parte do desenvolvimento da autonomia, o letramento crítico não configura-se em um sinônimo de práticas autônomas durante o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa.

Assim, ao ter em mente as concepções de autonomia expressadas pelos respondentes durante o questionário, constata-se que suas noções sobre o tema são determinadas por conhecimentos prévios adquiridos ao longo de sua vida, que não necessariamente estão ligados ao contexto do aprendizado de uma língua estrangeira e, portanto, podem não refletir que é, na prática, o posicionamento autônomo de um aprendiz. Esse fato evidencia-se a partir das respostas dos participantes, ao associarem a autonomia ao ato de aprender sozinho, sem precisar da colaboração de um professor para aprimorar a aquisição do idioma. Levando isso em conta, o não saber identificar nos conduz a refletir sobre as oportunidades criadas, ou não, para a discussão acerca do papel da autonomia no ensino-aprendizagem da LE. Desse modo, se porventura estes docentes em formação tivessem sido formalmente expostos a debates sobre o tema em questão, possivelmente teriam construído uma opinião mais sólida e pertinente a respeito da autonomia no processo do ensino de línguas, além de estarem aptos a reconhecer um posicionamento autônomo durante às situações educacionais às quais foram expostos na graduação.

Posto isso, ao investigar a concordância dos participantes a respeito de sentenças sobre a autonomia no contexto do ensino-aprendizagem de um idioma, identificaram-se discrepâncias referentes às definições escolhidas, levando em conta as concepções de autonomia expressadas pelos entrevistados anteriormente. Tal contraste se sucedeu devido ao fato de que, a princípio, ao serem questionados sobre o papel da autonomia no processo de aquisição de uma língua, os docentes em formação frequentemente listaram a independência na aprendizagem como o principal traço de um comportamento autônomo do aprendiz, descartando a participação de um professor, bem como a interação com outros estudantes que vivenciam a mesma jornada. No entanto, ao analisar as assertivas escolhidas pelos participantes, verificou-se que as opções as quais remetiam a um aprendizado independente foram majoritariamente desconsideradas, enquanto as proposições

relacionadas a uma abordagem centrada no aluno converteram-se nas alternativas mais escolhidas pelo público no geral. Nesse sentido, ao final da pesquisa, quando foram apresentadas as proposições sobre a autonomia em uma perspectiva mais individualizada do ensino-aprendizagem da LE, muitos participantes se identificaram com tais opções, o que nos leva a refletir que o fato de não terem evidenciado essas questões inicialmente também pode estar ligado ao uso do termo “autonomia” pelo conhecimento terminológico e não necessariamente por terem sido incluídos em discussões teóricas sobre o tema durante a jornada na academia.

Em suma, as informações coletadas por meio deste estudo nos permitiram inferir que a percepção destes docentes em formação frente a autonomia de um aprendiz em seu processo de aquisição de uma nova língua foi construída, significativamente, pelo conhecimento de mundo obtido ao longo de suas vivências, o que nem sempre se aplica ao contexto da aprendizagem. Somado a isso, a ausência de debates formais dentro da universidade acerca de um aprendizado autônomo contribuiu para que alguns participantes tivessem dificuldades em reconhecer a autonomia durante sua aprendizagem, consequentemente interferindo na utilização desse termo quando diante das perguntas do questionário aplicado.

## Referências

AUTODIDATISMO. *In: Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/autodidatismo/>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

BENSON, Phil. **Autonomy in language teaching and learning**. Cambridge University Press, United Kingdom, p. 21-40, 8 jan. 2007.

BORDENAVE, J.D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

CEYLAN, Nuray Okumuu. Fostering learner autonomy. **GlobELT: An International Conference on Teaching and Learning English as an Additional Language**, Antalya, Turkey, p. 85-93, 1 jul. 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/283165626\\_Fostering\\_Learner\\_Autonomy](https://www.researchgate.net/publication/283165626_Fostering_Learner_Autonomy). Acesso em: 13 agos. 2021.

DANG, Tin T. Learner Autonomy: A Synthesis of Theory and Practice. **Internet Journal of Language, Culture and Society**, p. 52-67, 2 jan. 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/298092439\\_Learner\\_autonomy\\_A\\_synthesis\\_of\\_theory\\_and\\_practice](https://www.researchgate.net/publication/298092439_Learner_autonomy_A_synthesis_of_theory_and_practice). Acesso em: 13 ago. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** - SP: Paz e Terra, 1996.

HARDEN, R.M.; CROSBY, JOY. The good teacher is more than a lecturer: the twelve roles of the teacher. **Medical Teacher**, Dundee, Scotland., v. 22, n. 4, p. 334-347, 2000.

HOLEC, H. (1981). **Autonomy in foreign language learning** (first published 1979, Strasbourg: Council of Europe). Oxford: Pergamon.

JACOBS, George; RENANDYA, Willy. Student-centred learning. *In: English language teaching today*. New York, NY: Routledge, 2016. Chapter 2, p. 13-23.

LITTLE, David. **Learner Autonomy 1: Definitions, Issues and Problems**. 1. ed. Dublin, Ireland: Authentik Language Learning Resources Ltd, 1991. 1-61 p.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; SANCHES, Odecio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1 set. 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

ROGERS, Carl. **Freedom to Learn for the 80's**. Columbus, Ohio: Charles E. Merrill Publishing Company, 1983.

ROGERS, Carl; FREIBERG, Jerome H. **Freedom to Learn**. 3 ed. Nova Iorque, NY: Macmillan College Publishing Company, 1994.

TROJAN, R. M.; SIPRAKI, R. Perspectivas de estudos comparados a partir da aplicação da escala Likert de 4 pontos: um estudo metodológico da pesquisa TALIS. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. 2, p. 275-300, 2015. DOI: 10.21723/riaee.v10i2.7761. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7761>. Acesso em: 9 jul. 2021.

# Aquisição da língua inglesa: os impactos da autonomia no processo de ensino-aprendizagem.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você, estudante do oitavo período de Letras - Português e Inglês, da Universidade Federal de Sergipe, está sendo convidado a participar, voluntariamente, de uma pesquisa acadêmica referente a um Trabalho de Conclusão de Curso. Posteriormente, serão explanadas todas as informações necessárias para este estudo e, caso aceite participar, poderá assinar este termo, formalizando o seu consentimento.

Os dados que serão colhidos por meio desta pesquisa darão a base para a construção de um artigo acadêmico, que procura investigar as questões ligadas à autonomia no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira, especificamente o inglês. Nesse sentido, visando obter resultados fiéis a realidade, as informações relatadas pelos participantes contribuirão para analisar a percepção dos professores em formação sobre a relação entre uma aprendizagem baseada na autonomia e a aquisição de uma língua estrangeira.

A coleta de informações refere-se à pesquisa que dará embasamento a construção de um Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado pela pesquisadora Samara Machado de Oliveira, orientanda da professora Dra. Elaine Maria Santos, pertencente ao quadro docente da Universidade de Sergipe, a ser realizada nos anos de 2020 e 2021, com a duração de 1 (um) ano.

A pesquisa em questão é intitulada "O impacto da autonomia no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa" e tem como objetivo investigar a concepção de professores em formação no que diz respeito às questões da autonomia envolvidas no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Nesse sentido, procura-se averiguar não somente a autonomia do aprendiz, como também a do docente.

Portanto, este estudo fundamenta-se nas percepções que os acadêmicos possuem em relação a autonomia na aprendizagem de uma segunda língua, especificamente no âmbito da Universidade Federal de Sergipe, e tendo como público-alvo os estudantes do oitavo período do curso de Letras - Português e Inglês. Nesse sentido, faz-se necessário dar voz aos futuros professores e, por meio desta pesquisa, analisar suas noções relativas a autonomia e de que maneira ela se fez presente durante a sua formação acadêmica. Desta maneira, considerando o cenário da pandemia do coronavírus, a coleta de dados ocorrerá online, por intermédio de um formulário no Google Forms. Tais informações serão analisadas por meio de uma metodologia quantitativa e qualitativa, em referência aos impactos da autonomia no aprendizado e ensino da língua inglesa.

A pesquisadora e a coordenadora do projeto assumem o compromisso de não identificar os dados e os locais de realização da coleta em publicações ou apresentações em eventos acadêmicos, decorrentes da coleta de dados aqui autorizada. Assume-se também o compromisso de não divulgar os nomes dos participantes por questões éticas e de segurança, mantendo seu anonimato. Assim, as informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais e asseguro o sigilo total sobre sua participação.

Compromete-se a criar nomes fictícios que não permitam sua identificação nas divulgações. Ainda, os participantes têm o direito de abandonar a pesquisa ou solicitar exclusão de dados, caso ache que a descrição não atende ao que foi dito pelo indivíduo pesquisado durante aplicação de questionário.

Os riscos com relação à sua participação nessa pesquisa são mínimos, não havendo qualquer risco à sua saúde. Dentre os riscos, por se tratar de uma pesquisa que envolve o uso de questionários, estão a possibilidade de danos à dimensão psíquica, moral, intelectual, social e cultural do participante, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente, tendo em vista que a participação na pesquisa pode causar constrangimento ou desconforto por emissão de opinião ou por não haver o desejo de responder. Para contornar esses riscos, ao pesquisado será sempre oferecida a possibilidade de expressar que não deseja responder ou participar de alguma das etapas, podendo ainda o participante solicitar a exclusão de todos os dados a ele relacionados. Ainda, esclarece-se que, havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Por sua vez, esclarece-se que há benefícios direto e indireto para o participante da pesquisa, haja vista que o questionário aplicado estimulará a reflexão do indivíduo, não apenas como aprendiz, mas igualmente considerando o seu papel de docente, acerca do processo de aquisição de uma língua estrangeira. A partir disso, pode-se obter uma visão crítica acerca de como uma metodologia pautada na autonomia pode influenciar o ensino e a aprendizagem da língua. A esse respeito, a pesquisadora responsável compromete-se a divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo pesquisado, composto por alunos do curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Federal de Sergipe. A forma de retorno pensada será por meio da construção do Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora em questão, no qual trará os resultados e considerações da pesquisa.

A coleta de dados ocorrerá na modalidade online, por meio de aplicação de um questionário na plataforma Google Forms, a ser realizado individualmente com os participantes, não apresentando risco de acidentes, nem gasto algum a qualquer um deles. Os dados serão divulgados, mas não será possível identificar sua participação ou sua identidade, uma vez que serão adotados mecanismos para a anonimização das informações disponibilizadas no questionário, tais como: omissão de dados que possam identificar o participante, além de codificação de dados e adoção de pseudônimos para cada participante. Dessa forma, não há risco de sua identidade ser exposta.

Pesquisadora: Samara Machado de Oliveira

Coordenadora: Professora Dra. Elaine Maria Santos

**\*Obrigatório**

1. Insira um nome fictício com o qual deseja ser tratado \*

---

2. Endereço de e-mail \*

---

## 3. Data da assinatura do termo \*

---

*Exemplo: 7 de janeiro de 2019*

4. Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Samara Machado de Oliveira, orientanda da professora Dra. Elaine Maria Santos, sobre a investigação, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido(a) que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. \*

*Marque todas que se aplicam.*

Li e concordo em participar.

### Ensino-aprendizagem de inglês: contexto individual

5. 1 - Antes de iniciar a sua graduação em Letras - Português e Inglês, você já tinha estudado algum curso de línguas estrangeiras? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

6. 2 - Em caso afirmativo, durante quanto tempo você fez o curso?

*Marcar apenas uma oval.*

0-1 ano

1-3 anos

3-5 anos

+ 5 anos

7. 3 - Considerando a sua bagagem no curso de Letras, você acredita que um aluno autônomo teria mais facilidade na aquisição de uma língua estrangeira? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

8. 4 - Nesse sentido, o que você entende por autonomia? \*

---

---

---

---

---

9. 5 - Em sua concepção, a autonomia esteve presente nas aulas do curso de Letras - Português e Inglês? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

10. 6 - Justifique a sua resposta. \*

---

---

---

---

---

11. 7 - Caso a resposta da questão 5 tenha sido afirmativa, de que modo a autonomia foi inserida pelos docentes nas aulas durante o curso?

---

---

---

---

---

12. 8 - Assim, você acredita que a autonomia influenciou a sua aprendizagem de inglês? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

13. 9 - Se sim, como ela potencializou o aprendizado da língua inglesa?

---

---

---

---

---

Ensino-aprendizagem de inglês: perspectivas acerca da autonomia I

14. 10 - O que você entende por autonomia no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira? \*

---

---

---

---

---

15. 11 - Em sua opinião, a autonomia do professor é algo essencial? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

16. 12 - Em caso afirmativo, como seria a autonomia do professor em sala de aula?

---

---

---

---

---

Ensino-aprendizagem de inglês: perspectivas acerca da autonomia II

17. 13 - Analise as sentenças abaixo e, considerando a sua percepção de autonomia na aprendizagem da língua inglesa, selecione o seu grau de concordância frente a cada uma das opções.

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Autonomia é a capacidade de controlar a sua própria aprendizagem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O aprendizado da língua inglesa, considerando a autonomia do aluno, acontece de forma independente, isto é, sem a necessidade de auxílio de um professor ou outros aprendizes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Basear o ensino-aprendizagem da língua estrangeira na autonomia do aluno implicaria diretamente no papel do professor em sala de aula.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A autonomia está intimamente relacionada a "a capacidade de reflexão crítica, tomadas de decisões e atitudes independentes"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pair work pode ser um exemplo do exercício da autonomia do aluno em sala de aula.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A autonomia pode variar em níveis de acordo com a idade, proficiência e a consciência do aprendiz em relação ao seu processo de aprendizagem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O self-assessment se configura como um traço marcante da aprendizagem pautada na autonomia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Inserir a autonomia dentro de sala pode estimular a autoconfiança do aluno e potencializar o seu	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

desenvolvimento relativo à  
aquisição da língua estrangeira.

---

18. 14 - Considerando a sua percepção sobre a temática em questão, selecione cinco opções as quais você acredita ser mais compatíveis com a definição de autonomia no processo de aprendizagem da língua estrangeira: \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Abordagem baseada no chamado "Student-centred learning".
  - Senso de responsabilidade e controle de aprendizagem.
  - Atividades realizadas por meio de pair work.
  - Estímulo a criatividade e autoconfiança.
  - Aprendizagem independente, descartando a necessidade de um professor.
  - Exercícios extraclasse elaborados pelo próprio aluno por meio de estratégias que se adequam ao seu estilo de aprendizagem.
  - Levantamento de diferentes métodos de ensino-aprendizagem que podem ser propícios a diferentes perfis de aprendizes.
  - Planejamento de estudo, que envolve a criação de metas e o gerenciamento de conteúdos.
  - Self-assessment como forma de autoreconhecimento.
  - Criação de oportunidades para praticar os conhecimentos adquiridos.
  - Autonomia é estudar sozinho.
- Outro:  \_\_\_\_\_

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários